

O sargento Garcia e o Zorro

Economia Brasil

Carlos Chagas

Reconheceu o presidente Fernando Henrique, ontem, por conta da crise financeira internacional, a iminência de medidas ainda mais duras na economia, entre elas a possibilidade de aumento de impostos, caso as demais iniciativas de contenção e ajuste fiscal fiquem aquém das expectativas do governo. Do governo e do Fundo Monetário Internacional, claro, pois no Palácio do Planalto e na Esplanada dos Ministérios ninguém nega mais estarmos mesmo negociando com o FMI.

Deve-se fazer justiça e atentar para o fato de que o presidente deu as más notícias faltando onze dias para a eleição. Poderia ter agido como agiu o então presidente José Sarney, que deixou para implodir o Plano Cruzado um dia depois da eleição onde o PMDB, seu partido, obteve vitória ampla, geral e irrestrita. Fernando Henrique preferiu a transparência.

O governo já promoveu execráveis cortes no Orçamento, atingindo inclusive a saúde, a educação e os transportes. Só para dar um exemplo, o ministro José Serra participou ao médico Aloísio Campos da Paz que todas as dotações destinadas à rede de hospitais Sarah es-

tao cortadas. Uma das poucas entidades públicas que funciona, e funciona muito bem, está ameaçada de ter suas portas fechadas. A gente se pergunta até se não é de propósito, se não são artimanhas dos que pretendem desmoralizar tudo o que é público para vender o lote mais barato à iniciativa privada. Nem se fala dos cortes na merenda escolar e na conservação de estradas, fonte razoável de emprego em tempos bicudos de falta de trabalho para boa parte da população.

As autoridades econômicas examinam a hipótese de restringir importações, mesmo diante da má vontade e até das caretas feitas pelos professores de neoliberalismo, lá de fora.

O diabo é que tais iniciativas não bastarão para conter o déficit público, pressuposto inicial para recebermos ajuda do FMI e congêneres. Representam pouco mais de 10% no total, ficando o restante por conta do aumento descomunal de juros com que remuneramos o capital especulativo, o capital-motel que chega de tarde, passa a noite e vai embora de manhã, depois de ter estuprado nossa economia.

A conclusão é de que o governo

insiste no modelo responsável pela débâcle atual, porque, além de se negar a desvalorizar o real, o que é um gesto de coragem e bom senso, também não encontra mecanismos para estimular como deveria as exportações e, muito menos, admite criar limites e barreiras aos especuladores. Desde que a crise se manifestou, já fugiram do Brasil mais de 35 bilhões de dólares desse capital predatório, valendo registrar que boa parte pertence a especuladores brasileiros. Aos judas, melhor dizendo.

Sobre o aumento de impostos seria bom reler o recém-lançado programa para o segundo mandato. Lá está escrito que uma das intenções da reforma tributária "é reduzir o peso dos impostos sobre a produção, o investimento e a importação". Ainda que reduzir se torne hoje sonho de noite de verão no início da primavera, fica claro que aumentos não deverão sobrecarregar essas atividades. Sobre o quê? O assalariado, para pagar a conta outra vez.

Que medidas poderia o governo adotar de pronto, além das já tomadas? Mais cortes no Orçamento, claro. Dona Cláudia Costin anunciou, aqui no **Correio Braziliense**,

demissões em massa nos serviços públicos, com a aplicação de princípio aprovado pelo Congresso: municípios, estados e o próprio governo federal demitirão implacavelmente sempre que as despesas com as folhas de pessoal ultrapassarem 60% dos orçamentos. Porém, tem mais: poderá haver controle do fluxo do turismo, com taxas sobre os dólares de quem gosta de passear em Miami e adjacências e não tem conta nas Ilhas Caimã. Também estará em pauta a suspensão do pagamento das despesas de manutenção das embaixadas, para vexame de nossos diplomatas lá fora. E mais cortes no Orçamento, sem dúvida. Em outras palavras, marcha batida para mais pobreza.

Tudo isso e o resto que o saco de maldades do governo puder produzir servirão para equilibrar nossas contas? Só no dia em que o sargento Garcia prender o Zorro, porque enquanto não se mexer no modelo, interrompendo a remuneração astronômica do capital especulativo, nada feito. Continuaremos produzindo riqueza e ficando mais pobres.

■ Carlos Chagas é jornalista

CORREIO BRAZILIENSE

24 SET 1998